

EIXO TEMÁTICO 9 | QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADES

O CORPO SENTE, MAS A BOCA NÃO PODE FALAR: a interseccionalidade e a segregação racial de mulheres negras

THE BODY FEELS, BUT THE MOUTH CANNOT SPEAK: intersectionality and racial segregation of black women

Márcia Regina Galvão de Almeida¹
Francisca Kananda Lustosa dos Santos²
Elaine Ferreira do Nascimento³
Rafael Fernandes de Mesquita⁴

RESUMO

Este artigo visa tratar sobre a segregação racial de mulheres negras no Brasil, por meio da análise fílmica do filme *Histórias Cruzadas*. Assim, tem-se como problema de pesquisa: existiu ou não uma segregação racial no Brasil que atingiu com mais força mulheres negras? Os objetivos são: Analisar sobre a segregação racial a nível internacional e comparar com o Brasil; contextualizar sobre a trajetória de mulheres negras, mostrando como a segregação racial as atingiu com mais força; buscar correlações dos acontecimentos da vida real com o filme. Com isso, usou-se como abordagem metodológica a teoria da interseccionalidade, sendo de natureza qualitativa, do tipo bibliográfica. Conclui-se que, a segregação racial, no Brasil se constitui como um apartheid não declarado oficialmente pelo Estado, devido a isso, muitas vezes formas de violência praticadas com o intuito de separar e subjugar grupos, por conta de sua fisiologia e aspectos culturais, deixa de ser percebida.

¹ Mestra e Doutoranda em Políticas Públicas-PPGPP/UFPI; Especialista em Saúde Pública; Especialista em Políticas Públicas de enfrentamento à violência de gênero e Assessoria e Consultoria em Serviço Social; Graduada em Serviço Social e Bacharel em Direito. E-mail: galvaomarcia81@gmail.com

² Mestra e Doutoranda em Políticas Públicas-PPGPP/UFPI; especialista em Direitos humanos e movimentos sociais e em Políticas públicas, gestão e serviços sociais; graduada em Serviço social e licenciatura em pedagogia. Coordenadora de Pós-graduação-Unieducacional, professora de ensino superior e da educação básica (ensino fundamental) da prefeitura de Timon. E-mail: kanandalavigne@hotmail.com.

³ Pesquisadora e Coordenadora Adjunta da Fiocruz Piauí. Possui Graduação em Serviço Social, Mestrado e Doutorado em Ciências pelo Instituto Fernandes Figueira /Fundação Oswaldo Cruz (2007). E-mail: negraelaine@gmail.com.

⁴ Doutor em Administração de Empresas, com intercâmbio doutoral desenvolvido, Mestre (Unifor) e Bacharel (UFPI) em Administração de Empresas, MBA em Gestão de Recursos Humanos (UNINTER), Especialista em Docência do Ensino Superior (CEUT). Professor do Instituto Federal do Piauí - IFPI-Campus Piriapiri. Docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Palavras-chave: escravismo; racismo; apartheid.

ABSTRACT

This article aims to address the racial segregation of black women in Brazil, through film analysis of the film *Histórias Cruzadas*. Thus, the research problem is: was there or was there no racial segregation in Brazil that hit black women harder? The objectives are: Analyze racial segregation at an international level and compare with Brazil; contextualize the trajectory of black women, showing how racial segregation hit them harder; look for correlations between real-life events and the film. Therefore, the theory of intersectionality was used as a methodological approach, being qualitative in nature, bibliographical in nature. It is concluded that racial segregation in Brazil constitutes an apartheid not officially declared by the State, due to this, often forms of violence practiced with the aim of separating and subjugating groups, due to their physiology and cultural aspects, leaves to be perceived.

Keywords: slavery; racism; apartheid.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa tratar sobre a segregação racial de mulheres negras no Brasil, por meio da análise fílmica do filme *Histórias Cruzadas*, que apesar de se passar nos Estados Unidos, na década de 60, se mostra como um retrato do que aconteceu e continua acontecendo com mulheres na história da formação brasileira. Isso porque existe uma separação entre as mulheres e suas lutas, colocando-as como rivais, algo que tem como proposital e imposto pelos sistemas de opressões que é escravista, cisheteropatriarcal e capitalista.

A sociedade brasileira apoia suas estruturas de opressões por meio das desigualdades que ocorrem desde o período colonial e se estendem até os dias de hoje, visto que, Oliveira e Oliveira (2015) retratam que o fenômeno de segregação racial se apresenta no Brasil no decorrer do século XIX, a partir da introdução de medidas socioeconômicas e políticas que impediram a mão de obra escravizada, no percurso das revoltas, conflitos e da abolição, de se tornar empreendedora, proprietária e protagonista do espaço e do território brasileiro. Isso fez com que houvesse uma separação entre negros e brancos que se perpetuam na atualidade.

Diante da leitura de um quadro mais geral sobre a segregação racial da população brasileira, surgiu a inquietação para pesquisar como essa segregação afetou diretamente na vida das mulheres negras no Brasil, fazendo uma comparação com o filme em questão. Considerando que para Neto (2010) nos Estados Unidos (contexto no qual se passa o filme) e,

na África do Sul, havia uma havia segregação pautadas até mesmo em leis que separavam negros de brancos.

Assim, visando responder as inquietações surgidas, tem-se como problema de pesquisa: se existiu ou não uma segregação racial no Brasil que atingiu com mais força mulheres negras e que se perpetua até a contemporaneidade? Os objetivos seguem da seguinte forma: analisar sobre a segregação racial a nível internacional e comparar com o Brasil; contextualizar sobre a trajetória de mulheres negras, mostrando como a segregação racial as atingiu com mais força; buscar correlações dos acontecimentos da vida real com o filme.

Com isso, a referida pesquisa usou como abordagem metodológica a teoria da interseccionalidade, criada por Crenshaw (2002), pois ela permite ir além de uma abordagem das desigualdades de classe social e mostra outros sistemas de opressões sociais, tais como racismo e patriarcado. É de natureza qualitativa, pois esta pesquisa, em questão, foi considerada em seu contexto histórico na sociedade, sendo possível explanar e verificar as relações existentes desses contextos, as crenças da sociedade, as diversas opiniões de autores e autoras, indo muito além de uma percepção imediatista e numérica dos dados (MINAYO, 2008).

Dessa forma, para realizar este estudo foi feita a análise do filme: Histórias Cruzadas, no qual, tem como objetivo mostrar a segregação racial de mulheres negras que ocorria na década de 60 nos Estados Unidos. Este filme será usado como base para uma comparação de como era no Brasil a segregação racial de mulheres negras. A análise fílmica, segundo Mombelli e Tomaim (2014), é feita por meio de um aporte teórico relacionado à linguagem e às teorias do cinema-documentário, compreendendo a narrativa do filme e a sua composição enquanto produto final. Logo, para dar base teórica a análise, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, pois Segundo Gil (2008), esta permite explorar um atrativo de fenômenos ricos de referências.

Frente a isso, a tese em questão é de que existiu uma segregação racial na vida das mulheres ligadas a forma como o Brasil se organizou desde o período colonial, pautados em um sistema escravista, cisheteropatriarcal e capitalista que afetou e separou as mulheres em todos os âmbitos sociais.

Nesse contexto, o artigo encontra-se dividido em parte teórica, metodologia e análise fílmica. O primeiro item, trata sobre como ocorre a segregação das mulheres no Brasil, trazendo um contexto mais geral para comparar com a forma que ocorreu no país; o segundo item traz a análise do filme Histórias Cruzadas para comparar com a vida real das mulheres no país e, por

fim, contam as considerações finais, que apontam que as mulheres no Brasil sempre estiveram separadas pela cor e pela classe social.

2 SEGREGAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO CONTEXTO DE PÓS ESCRAVIDÃO

A segregação racial significa a separação de determinado grupo social por conta de suas características físicas, seu fenótipo, dependendo de cada cultura. Essa prática é baseada em ideias higienistas, que classificam a humanidade em raças, atrelando traços culturais, intelectuais e habilidades a fatores biológicos e genéticos (NETO, 2010). Na atualidade, a segregação racial pode ainda ser definida como uma espécie de política do Estado que tem como objetivo separar os indivíduos ou grupos de indivíduos de uma mesma sociedade com base em critérios étnicos ou raciais. (GELEDÉS, 2020).

Nos Estados Unidos, sua colonização foi diferente nas regiões Norte e Sul, onde no Sul houve uma economia agrária que foi baseada na mão de obra escrava, de negros e negras, trazidos de África. Após a Guerra Civil (Guerra da Secessão) que ocorreu nos anos de 1861 e 1865, apareceram as primeiras tentativas de implementação de políticas segregacionistas. (GELEDÉS, 2020).

Já na África, as políticas segregacionistas ficaram mais conhecidas pelo apartheid, que tem origens também no seu período de colonização, no qual, holandeses e ingleses, foram colonizadores entre 1652 a 1910. Nesse sentido, a separação de pessoas negras e brancas se apoiou em diversas leis, tais como:

O Brasil, em seu período colonial, também se usou da escravidão de homens e mulheres sequestradas da África para serem exploradas em toda parte do país, para trabalharem em todos os âmbitos, principalmente, agrícola (SANTOS, 2022). Contudo, diferentemente, dos países tratados acima, o Brasil não teve leis que, assumidamente, separassem negros de brancos. Nosso país sempre negou a existência do racismo com a falsa ideia da democracia racial. Por outro lado, na realidade, presencia-se uma evidente separação de negros e brancos, ao observar as favelas e os bairros de classe média alta na sociedade brasileira (BRAGA; MILANI, 2019).

O Brasil teve e tem até hoje um apartheid não oficial (FERRACINI, 2020), contudo, como consequência da democracia racial, o brasileiro tem uma enorme dificuldade em reconhecer os problemas raciais do país, tais como a discriminação, a violência e a desigualdade.

Ao passo em que alguns autores e autoras reconhecem que existiu e existe um apartheid não oficial no Brasil, que afetam pessoas negras com desigualdades, pobreza e racismo, porém, não se fala como as mulheres negras sofreram e sofrem com essa política segregacionista. É aí que usando as lentes da interseccionalidade se enxerga que nesse processo de separação de raças, foram as mulheres negras que mais sofreram e sofrem com todas as formas de opressões que não são reconhecidas como práticas racistas, já que, na mentalidade brasileira, somos todos iguais em raça e gênero, e, não é possível combater o que não existe.

É usando a abordagem metodológica da interseccionalidade, proposta por Crenshaw (2002), que se torna possível enxergar que, além de existir um apartheid entre negros e brancos, no geral, também existiu um apartheid entre as próprias mulheres, pois, mulheres negras sempre foram tratadas diferentes das mulheres brancas.

Nos Estados Unidos, com base nos estudos de Kyrillos (2020), se pode perceber que enquanto existia uma segregação racial entre negros e brancos no século XX, havia ainda uma segregação entre as próprias mulheres, pois, se por um lado mulheres brancas estavam próximas de conseguir o direito ao voto, mulheres negras viviam uma experiência completamente diferente daquela vivida pelas mulheres brancas estadunidenses.

Neste mesmo século, segundo Davis (2016), com a crescente ideologia da feminilidade que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, submissas, parceiras e donas de casa, amáveis para seus cônjuges, as mulheres negras eram praticamente anomalias. Nesse caso, quando se fala em mulher negra, ao contrário das mulheres brancas, estas sempre trabalharam fora de casa, pois, no período colonial escravocrata, elas tiveram uma trajetória que pode ser considerada diferente das outras mulheres, já que o trabalho ocupou um enorme espaço na vida das negras, que até hoje seguem um modelo estabelecido desde o início da escravidão.

Nesse contexto, as mulheres negras estavam, segundo Kyrillos (2020), em grande maioria, acostumadas com o trabalho árduo que a escravização impôs e que, mesmo depois da abolição, a sociedade continuava a impor, já que não havia outros espaços e oportunidades de trabalho para as mulheres negras em uma sociedade que permanecia profundamente racista e sexista.

Nessa perspectiva, no Brasil, na história das mulheres, com a separação das brancas e das negras, não foi muito diferente. Contudo, não se pode desprezar as especificidades da formação histórica de cada país. No Brasil, as mulheres negras também sentiram, com mais

força, o peso do apartheid não oficial, no período escravocrata e pós-abolição. Até mesmo nos movimentos feministas, as mulheres negras foram invisibilizadas, pois, segundo Lopes (2019), quando surgem os movimentos feministas, mulheres brancas lutam apenas por direitos de mulheres brancas. E quando surgem os movimentos negros no Brasil, as mulheres negras também são apagadas de suas reivindicações.

Essa segregação das mulheres negras, atualmente, pode ter como um dos exemplos, o espaço de trabalho de mulheres negras e brancas. Segundo Nascimento; Ribeiro, (2021) mulheres negras estão destinadas aos trabalhos mais precarizados do país, tais como cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Para Carneiro (2003), os empregos domésticos são mais ocupados por essas mulheres negras, além de serem elas a maioria que se encontram em situação de desemprego.

Nascimento; Ribeiro, (2021), assevera ainda que se comparar brancos e negros, as mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos, já os homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos. Nesse caso, são as mulheres negras que se encontram em último na pirâmide das desigualdades sociais, o que evidencia que existe sim uma apartheid não oficial no Brasil também entre as mulheres brancas e negras. Essa separação entre as experiências vivenciadas por mulheres negras e brancas é perfeitamente retratada no filme, “Histórias Cruzadas”, que será abordado no próximo item.

3 HISTÓRIAS CRUZADAS: análise fílmica em questão

O filme Histórias Cruzadas, originalmente com o título em inglês, The Help, foi lançado em 03 de fevereiro de 2012 no Brasil e foi produzido no ano seguinte, nos Estados Unidos da América (EUA). É um longa-metragem que foi feito com direção e roteiro pelo cineasta e ator norte-americano Tate Taylor. Histórias Cruzadas é uma adaptação cinematográfica do livro escrito por Kathryn Stockett, que também nasceu e viveu nos EUA. Ambos, Tate Taylor e Kathryn Stockett, são brancos.

Viola Davis, Emma Stone e Octavia Spencer, são as protagonistas do filme sob a pele das personagens Aibileen Clark (mulher negra), Eugênia Phelon (Skeeter - mulher branca) e Minny Jackson (mulher negra). No ano de 2012, Octavia Spencer recebe o Oscar como melhor atriz

coadjuvante, sendo este o único Oscar conquistado pela longa-metragem, mesmo estando em três categorias, incluindo, de melhor filme e de melhor atriz, com Viola Davis (MIGUEL, 2022).

O filme será analisado nessas linhas de maneira diacrônica, levando em consideração o desenvolvimento da trama e quais as principais questões e categorias que são levantadas em cada cena citada do longa-metragem. Leva-se em consideração, na análise, a abordagem teórico metodológica citada no tópico anterior, que é da interseccionalidade para mostrar que são vários os sistemas de opressões sociais que atingem as mulheres negras, diferentemente das mulheres brancas.

Logo, no início do filme, a cena sob a narrativa de Aibileen Clark, que se inicia no 3º minuto, demonstra quais as principais atividades feitas por ela em seu trabalho enquanto atividades domésticas. Esse tipo de atividade, dentro do domínio privado, não é exclusivo para mulheres negras, também é esperado que as mulheres brancas realizem atividades do mesmo tipo, isso fica claro quando a personagem supracitada fala da relação de sua patroa com a filha, e, logo em seguida, afirma que as mulheres brancas, em Jackson, por tradição devem se casar e ter filhos, nesse sentido, se limitam ao trabalho da casa e do cuidado da prole.

Uma das exceções e que vai contra as regras socialmente vigentes é a senhorita Skeeter, que não tem marido e nem bebês, mas, mesmo assim, sente na pele a pressão para que as mulheres ocupem ou falem do espaço doméstico quando procura seu primeiro emprego, como jornalista, em um jornal local. Podendo ser contratada em várias áreas do jornalismo, o entrevistador logo após aceitar seu currículo lhe faz uma pergunta: sabe limpar? E a coloca em uma coluna que trata justamente sobre esses tipos de atividades, mas, especificamente, sobre conselhos de limpeza.

Apenas essas passagens do filme já demonstram a perspectiva machista e patriarcal que estrutura as relações e os papéis de gênero na sociedade norte-americana. Observa-se que, tanto as mulheres brancas quanto as mulheres negras, são pressionadas a permanecer no espaço privado doméstico, realizando afazeres da casa e cuidando dos filhos.

Contudo, mesmo com essa semelhança, existe diferença entre mulheres brancas e mulheres negras, isso porque, as segundas, que vivem sob uma rígida segregação racial, são integrantes de famílias que estão em vulnerabilidade social e com direitos negados pela população branca. Devido a isso, as mulheres negras precisam deixar seus lares para trabalhar em outros lugares, e só encontram empregos em trabalhos domésticos, em casas de pessoas

brancas. Neste sentido, as mulheres negras têm uma dupla jornada, do trabalho dentro e fora de casa.

Os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, o qual demonstra alguns aspectos sobre a força de trabalho feminina no Brasil, no ano de 2022, mostram que a maior parte das mulheres que estão dentro da força de trabalho são mulheres negras, com 22,3 milhões em relação a 20,3 milhões de mulheres brancas. Enquanto as mulheres negras estão em maior número dentro da força de trabalho, também estão em maior porcentagem com relação a mulheres desocupadas, sendo o total 3,4 milhões de mulheres negras desocupadas e 1,8 milhão de mulheres brancas.

As mulheres participam das mais diferentes modalidades e áreas trabalhistas, no entanto, são maioria, de acordo com a pesquisa do DIESSE (2023), nos serviços domésticos (91% da força de trabalho) e na educação, saúde e serviços sociais (75% da força de trabalho). Nessas áreas e em outras áreas, o que é certo é que a mulher ganha 21% a menos de salário que os homens. Cerca de 43% das mulheres ocupadas recebem até um salário-mínimo, sendo que 52,7% dessas mulheres são negras, e, em todas as regiões e estados brasileiros, as mulheres negras são as que têm menos renda.

Uma outra cena bastante relevante para compreender a segregação racial nos EUA é onde as moças brancas da cidade se encontram, ou seja, na casa de uma participante do clube de jogos. Minny Jackson, no minuto 10:00, ao encontrar Aibileen Clark na cozinha comenta que sua patroa, Hilly Holbrook, agora faz a medição de quanto Minny gasta com papel higiênico.

Em uma tempestade, Minnie não consegue ir ao banheiro fora da casa, específico para ela, então resolve ir ao banheiro dentro da casa, utilizado por sua patroa Hilly, no entanto, Hilly a segue e a encontra no banheiro, com raiva de sua criada, resolve a despedir de suas funções. Isso demonstra o quanto as relações trabalhistas são frágeis para as mulheres negras nesse período e, o quanto a segregação racial é presente até nos lugares frequentados por brancos (as) e negros (as) que era legalmente sustentada pelas chamadas leis Jim Crow.

Logo na cena seguinte, Skeeter vai ao encontro de Aibileen quando a segunda estava prestes a embarcar no ônibus de volta para casa. Neste momento, Aibileen se mostra bastante preocupada com aquela interação, isso porque, pessoas brancas e negras não devem interagir em público sem que haja uma relação de trabalho. Podendo gerar algum tipo de punição para as pessoas negras.

Aibileen, nessa mesma conversa, cita que tocaram fogo em um carro de uma mulher negra, apenas por ela ter ido em uma mesa de votação. Após dizer que tinha medo de ter a casa queimada por brancos, por conversar com uma mulher branca ou por participar da construção do livro de Skeeter, Aibileen vai embora e começa a narrar os horrores da segregação.

Já na cena seguinte, que se inicia no minuto 47:55, Minny orienta sua filha para o seu primeiro dia de trabalho. Para que esse dia pudesse acontecer, a filha de Minny, Sugar, teve que desistir da escola a mando de seu pai, Leroy, para que pudesse ajudar em casa. Em uma cena anterior, Aibileen, especificamente no minuto 44:45, afirma que começou a trabalhar com 14 anos de idade, também para ajudar nas contas de casa. Isso demonstra que essa realidade faz parte de muitas famílias de mulheres negras. O abandono dos estudos faz com que as mulheres negras mantenham os empregos de menor prestígio social, mantendo o status quo das mulheres negras, sempre nas últimas posições da desigualdade social.

Voltando as orientações de Minny para sua filha Sugar, para seu primeiro dia de trabalho, observa-se mais um retrato da segregação racial que as mulheres negras sofrem em sua vida e em seu ambiente de trabalho. Logo após essa cena, no tempo de 1:20:40, aparece Aibileen no final do ônibus coletivo, onde teve sua conversa interrompida pelo motorista, que pediu para as pessoas negras descerem, pois, um homem negro havia sido assinado por membros das Ku Klus Klan - KKK. Enquanto as pessoas negras desciam, o motorista perguntava para as pessoas brancas seus endereços, para deixar o mais perto possível.

Após a prisão de uma das mulheres negras que trabalhava na casa de Hilly, várias mulheres negras se propuseram contar sua história para Skeeter. Uma das senhoras negras, no tempo de 1:30:33, diz que uma de suas patroas a colocou no testamento como sendo propriedade de uma de suas filhas, com isso, a senhora não conseguia arrumar emprego, pois todos da comunidade tinham convicção que ela pertencia a essa família em específico. Isso demonstra que, mesmo após a abolição da escravidão, as pessoas brancas ainda tratavam as pessoas negras como propriedade particulares.

O evento beneficente, realizado por Hilly, com o intuito de ajudar crianças africanas, teve como ponto principal o leilão de utensílios e alimentos feitos pelas criadas negras. O discurso de Hilly, no começo do evento, demonstra que a caridade branca muitas vezes é realizada para invisibilizar as séries de violências praticadas contra as pessoas negras.

Um tópico não retratado ainda é a violência contra as mulheres, que no filme foi representado pela violência doméstica sofrida por Minny. Observa-se, que ao longo do filme,

Minny sofre violências psicológicas e físicas vindas de seu marido, Laroy. Isso representa o sistema patriarcal que também está presente dentro da população negra e a violência se torna regular por um problema que também é muito comum no Brasil, a vulnerabilidade social das mulheres negras que são as que estão em maior número de desocupação e que ganham menos. Nesse sentido, a dependência financeira se torna um empecilho para que mulheres negras saírem de situações de violência sofridas dentro do ambiente doméstico.

Durante todo o filme o assunto principal são as condições precárias de trabalho das mulheres negras da cidade de Jackson no Estado do Mississippi nos EUA, especialmente, na década de 60, ocasionado, principalmente, pela segregação racial. Todavia, as violências que as mulheres sofrem durante as cenas do filme não são apenas dessas duas dimensões, mas trazem consigo diferentes opressões, como as questões de gênero, raça e classe, que colocam as mulheres negras nas últimas posições da desigualdade social.

3 CONCLUSÃO

Como foi evidenciado no início do artigo, o objetivo foi tratar questões sobre a segregação racial no Brasil, tendo como principal elemento de análise e comparação com a realidade brasileira, o filme, *Histórias Cruzadas*. A segregação racial, assume formas específicas na realidade brasileira, mas mantém similaridades e diferenças com outros países, a título de exemplo, EUA e África do Sul. No Brasil, esse tipo de fenômeno, acontece desde o período colonial e escravagista, mas ainda persiste até os dias atuais.

Ficou evidente que o estudo da segregação racial das mulheres negras, ficaria mais completo a partir de um aparato metodológico baseado na interseccionalidade, pois, as mulheres negras sofreram e sofrem, no Brasil e nos dois países supracitados, diversas formas de violência simultaneamente, ocasionadas pelas questões de raça, gênero e classe social.

A segregação racial, no Brasil, se constitui como um apartheid não declarado oficialmente pelo Estado, devido a isso, muitas vezes formas de violência praticadas com o intuito de separar e subjugar grupos, por conta de sua fisiologia e aspectos culturais, deixa de ser percebida. Entretanto, as reflexões mostram que o Brasil ainda continua ser um país racista mesmo após a abolição da escravatura, em 1888. As mulheres negras continuam sofrendo com as mesmas violências que aconteciam nas primeiras décadas do século XX ou o período da década de 1960, período no qual é narrada a história do filme *Histórias Cruzadas*.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Pablo de Rezende Saturnino; MILANI, Carlos RS. Direitos humanos e política externa no Brasil e na África do Sul: o mito da democracia racial, o apartheid e as narrativas da redemocratização. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 7-44, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento: Contribuições do Feminismo Negro. In: Estudos Avançados, Vol. 17, nº 49, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, USP, 2003, p. 117-133
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos a gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, 1º semestre 2002.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Mulheres: inserção no mercado de trabalho. DIEESE, 2023.
- DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Trabalho Doméstico. DIEESE, 2023.
- FERRACINI, Rosemberg et al. Observatório socioespacial do Covid-19 no Tocantins. **Metodologias E Aprendizado**, v. 3, p. 184-191, 2020.
- FOWLER, Bree. Morre Rosa Parks a que não cedeu. O Estado de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GLEDÉS, **Considerações sobre a segregação racial nos Estados Unidos (EUA)**. 08/04/2020. Disponível em: https://www.geledes.org.br/consideracoes-sobre-a-segregacao-racial-nos-estados-unidos-eua/?gclid=CjwKCAiA-P rBhBEEiwAQEXhHylOizpghYimSzn9u0oCJ9_jb0mv3BFQ_AL1KRuEqHgQ5FBklQ6hoCt9QQAvD_BwE
- HISTÓRIAS Cruzadas. Direção de Tate Taylor. Produção de Chris Columbus e Michael Barnathan. Roteiro: Tate Taylor. Música: Thomas Newman e Mary J. Blige. [S.l.]: Dreamworks Pictures, 2011. 1 online (146 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://filmeze.in/filmes/historias-cruzadas>
- KYRILLOS, Gabriela M. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, p. e56509, 2020.
- LOPES, Janai Harin. Interseccionalidade como categoria de análise na Revista Estudos Feministas (1992-2019). **Revista Trilhas da História**, v. 9, n. 18, p. 83-96, 2020.
- MIGUEL, Alexia. Resenha do Filme Histórias Cruzadas sob enfoque dos direitos fundamentais. Revista Avant - UFSC, Santa Catarina, 2022.
- MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio Dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, v. 8, n. 2, 2014.
- NASCIMENTO, Dara Maria Andrade; RIBEIRO, Ana Luíza Costa. A herança escravocrata nas profissões de mulheres negras: o caso das feiras e do trabalho doméstico. XII Enecult, n 27, v 30,

jul, 2021.

NETO, **O caso do apartheid na África do Sul**. 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35269/35269_4.PDF"

OLIVEIRA, Reinaldo José de; OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Origens da segregação racial no Brasil. **Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM. Les Cahiers ALHIM**, n. 29, 2015.

PRANDINI, Paola. Branquitude escancarada. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, n. 230, p. 94-105, 2021.

SANTOS, Francisca Kananda L. dos. **"Invisibilizadas, mas não ausentes"**: um estudo sobre o racismo patriarcal em uma escola de teresina. Dissertação (mestrado em políticas públicas) - Universidade Federal do Piauí. Teresina, p. 131. 2022.